

PRÁTICAS AFROLETRADAS DE ENSINO: VIVENCIANDO A ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO DE AFROLETRAMENTO ATRAVÉS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.

Luciana Dos Santos Jorge¹
Resiane Francisca Dos Santos²
Carla Verônica Albuquerque Almeida³
Ana Rita De Cassia Santos Barbosa⁴

RESUMO

O presente texto consiste em descrever as experiências vivenciadas por uma residente durante os momentos de regência no programa de Residência Pedagógica, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no subprojeto de Pedagogia - Alfabetização na perspectiva do AfroLetramento, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA), através de aulas síncronas ministradas em formato remoto no 1º ano do Ensino Fundamental na escola campo Frei Eliseu Eismann, situada no município baiano de São Francisco do Conde. Para isso, foram selecionados dois tipos de atividades realizadas para serem descritas: uma das regências remotas realizada pela residente e os encontros intitulados "Regências de saberes construídos coletivamente". A escola é um dos principais ambientes em que crianças vivenciam experiências sociais, constroem, através das interações, sua noção de pertencimento, em que o professor tem um papel fundamental como mediador. As vivências proporcionadas pelo Programa Residência Pedagógica demonstraram a importância de práticas pedagógicas mais próximas da realidade dos educandos, sobretudo em tempos de ensino remoto.

Palavras-chave: Alfabetização; Ensino Remoto; Práticas docente AfroLetradas.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Discente, lucianajorge891@gmail.com¹

Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, Secretaria Municipal de Educação, Docente, resianeprofessora@gmail.com²
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente, carlaalmeida@unilab.edu.br³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras - Malês, Docente, anarita.barbosa@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira possui uma diversidade cultural, intelectual e epistemológica. Mas, devido ao processo de colonização uma cultura se tornou hegemônica, traçando estratégias de silenciamento e exclusão das outras. São resquícios desse processo que se faz presente em nossos pensamentos e hegemônica valores de cunho ocidental. Nesse processo, percebe-se que a escola exerce o papel de realizar a manutenção das práticas reprodutoras da cultura dominante. A universalização cultural tradicionalmente posta no ambiente escolar, através da cultura europeia, anula as demais, sobretudo, a cultura africana. Assim, é no ambiente escolar que vivenciamos nossas primeiras experiências de violência simbólica.

Os currículos planejados e desenvolvidos na sala de aula vêm pecando em um sentido, o da parcialidade no momento de definir a cultura legítima e os conteúdos culturais que estarão presentes nas abordagens. As vozes dos grupos sociais minoritários são silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação (SILVA, 2001).

Ele assume a função de forjar subjetividades, práticas coloniais e colonizadoras. Isso também influencia as nossas práticas enquanto educadores e educadoras no que tange aos conteúdos ministrados e sobretudo a forma que ministramos, nas metodologias de ensino/ensino de línguas, nas avaliações (o certo x o errado). Ou seja, estamos inseridos nesse sistema, aprendemos através dele e nos tornamos reprodutores de práticas colonizadoras.

Em meio a esse cenário, a escrita escolar, da mesma forma que algumas práticas letradas, mais próximas da concepção e modelo europeus, ganharam mais visibilidade e legitimidade em detrimento da oralidade e saberes autogerados e vernaculares das populações indígenas e negras de ascendência africana. (SOUZA, 2011, p.38)

Desde pequenos nos é imposto saber escrever, mas é um escrever bem, dentro do que os padrões de escrita nos impõem. Então, no processo de alfabetização os professores tendem a trabalhar com as crianças visando que elas cheguem no nível ortográfico, que entendam e possuam o domínio da compreensão do sistema de escrita. Eles se concentram em passar o conteúdo sem, na maioria das vezes, ter a sensibilidade de refletir sobre as suas práticas e como elas afetam os educandos.

De acordo com Magda Soares,

alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de "compreensão/expressão de significados do código escrito" (SOARES, 2015, p. 16).

Ana Lúcia Souza, doutora em Linguística Aplicada, em sua tese de doutorado Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop, nos diz que, "uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atentar para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem, estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos" (SOUZA, 2009, p.188).

O que a autora chama de Letramentos de Reexistência são os letramentos sociais que podem ser definidos como tudo aquilo que envolve além da leitura e a escrita, a oralidade, e que circula dentro de uma

determinada comunidade. São as práticas sociais desse “tripé” que fazem sentido para aquele dado contexto social. Nesse sentido, existem formas de se realizar o processo de alfabetização e letramento, através não apenas do letramento escolar, mas a partir dos letramentos sociais.

Para Nascimento (2010, p.2), baseada em Magda Soares,

letrar, neste sentido, é mais complexo que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto, onde a leitura e a escrita façam sentido e tenham importância para quem escreve, para quem lê e para a sociedade. O Letramento compreende a alfabetização, mas também as estratégias de poder e de valoração, relativas ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. O letramento habilita dizeres, é suporte de formações discursivas e de práticas identitárias. É, enfim, instrumento de controle de privilégios e também de transformação e de exercício de poder, o que não deve ser confundido com a habilidade de saber ler e escrever.

Nesse sentido, o professor precisa desenvolver práticas para atender as especificidades da alfabetização e do letramento. É nessa linha, que o Afroletramento se torna um caminho potente para realizar o processo de alfabetização e letramento, uma vez que ambos podem e devem ocorrer de forma simultânea, de forma a proporcionar aos educandos uma formação mais próxima da sua realidade.

Ele consiste no uso de recursos didáticos, sobretudo literaturas infantis que possuem temas afrocentrados no processo de alfabetização e letramento; é uma possibilidade para o empoderamento e para a emancipação de grupos historicamente subalternizados, como a população negra, pois aproxima as práticas escolares a sua identidade, se constituindo “[...] como um ‘lugar’ de encenação dos processos identitários e de identificações capazes de dessubalternizar as contribuições de matrizes africanas e de promover práticas de compartilhamento em sala de aula” (NASCIMENTO, 2010, p.5).

O subprojeto de Pedagogia Alfabetização na Perspectiva do AfroLetramento possibilitou, mesmo que de forma remota, o contato e o exercício de práticas alfabetizadoras afroletradas. É preciso ressaltar que a residente ingressou no Programa Residência Pedagógica através do edital Nº 34/2021 - PROGRAD/RP/CAPES/UNILAB, que visou a composição de banco de reserva para possível atuação no Programa Residência Pedagógica, em subprojetos vinculados aos cursos de licenciatura ofertados pela Unilab. Assim, com a saída e realocação de alguns residentes, a residente foi convocada como residente voluntária no início de novembro de 2021.

Diante disso, o que é abordado por ela neste texto possui como base as suas vivências pós ingresso, período em que os residentes já estavam desenvolvendo as regências. Nesse sentido, optou-se por relatar o último dia de regência síncrona do ano de 2021 com a turma do primeiro ano do ensino fundamental da escola campo, a escola Frei Eliseu Eismann, realizada pela residente na escola, por ter sido o primeiro dia após o seu ingresso em que ela conduziu efetivamente a regência, e por esse dia ter possibilitado a ela uma dimensão sobre as suas práticas e, principalmente, como os educandos as viam através das falas desses.

METODOLOGIA

No dia 10 de dezembro de 2021, de forma síncrona, através da plataforma Google Meet foi realizada a última regência síncrona do ano com a turma do 1º ano da escola municipal Frei Eliseu Eismann. Nesta aula a temática trabalhada foi o Natal em uma perspectiva afroletrada, através do conto “Natal Africano”. O objetivo era fazer os educandos refletirem sobre o Natal para além da sua significação padrão, demonstrando que existem outras formas de celebração e que ambas são válidas para determinados grupos. Para isso, a aula foi organizada em dois momentos: exibição do conto natalino e discussão com os educandos sobre o conto e suas concepções de Natal e avaliação oral sobre as regências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o nosso calendário do dia e o nosso momento "Bom dia!" - em que todos abrimos os nossos microfones e davamos um bom dia bem animado, a turma foi informada que iríamos ver um conto sobre o Natal. Em seguida o conto foi exibido e os educandos foram questionados sobre o que acharam do vídeo e se algum poderia dizer o que era o Natal.

A turma, muito interativa, abriu o microfone de vez para registrar as suas impressões, nós então pedimos para todos desligarem e que íamos ouvir todos, um de cada vez. Assim, as crianças que aprenderam anteriormente comigo e com as residentes que realizavam a regência comigo a usar o recurso da "mão levantada" disponível na plataforma utilizada para as regências, formaram uma fileira de mãos. Em suas falas, alguns relataram a história convencional do Natal dizendo que "é o nascimento de Jesus", "é dia de presente de papai Noel", outras optaram por recontar o conto exibido do seu jeito.

Já outras crianças reproduziram as narrativas de seus familiares, uma criança relatou que "papai Noel não existe, é mentira", narrativa que, segundo ela, partiu de sua mãe. Nesse momento as crianças foram questionadas "você sabem que nem todo mundo comemora o Natal e que esta data não possui o mesmo significado para todo mundo? O Natal vai muito além de presentes para alguns, sabem? Existem outras comemorações". Assim, foi contextualizado que existem outras celebrações similares, como o Kwanza e foi perceptível as expressões de reflexão das crianças.

Da mesma maneira que nós enquanto educadores devemos possuir um olhar atento para com os nossos alunos, precisamos compreender que eles possuem um olhar atento às nossas posturas e atitudes em sala de aula. Uma das principais preocupações que nós devemos ter em sala de aula é como as nossas ações tocam nossos alunos, como estas vão sendo observadas e interpretadas por eles, se é de maneira verdadeira ou duvidosa. É impossível ser docente sem que o exercício da prática nos provoque mudanças (FREIRE, 2020).

Diante disso, o segundo momento da aula foi dedicado a essa troca através de uma avaliação coletiva. Para isso, foi exibida uma mensagem de agradecimento; em seguida as crianças foram questionadas sobre o que não gostaram das regências, o que podia melhorar e o que eles mais gostaram nos nossos encontros.

Os elogios às regências ocorreram de forma massiva e as "exigências" também, as crianças disseram que queriam mais jogos e brincadeiras, citando algumas sugestões: chicotinho queimado, amarelinha e o chefe mandou. Esse foi também um momento de aprendizagem para as residentes, em que algumas crianças decidiram demonstrar, brevemente, como funcionam algumas das brincadeiras citadas. Com isso foi possível identificar que alguns elementos de brincadeiras conhecidas ganharam uma nova configuração, ou modificação em trechos da letra como no caso do "chicotinho queimado".

As crianças disseram que "gostaram das atividades, das aulas e das professoras. A única coisa que não gostei foi de não ver vocês pessoalmente" (fala de uma aluna). Através dos relatos das crianças foi possível ver que o trabalho que vinha sendo desenvolvido contribuiu para o desenvolvimento da turma, mesmo com todos os desafios impostos a todos pela pandemia e o ensino remoto. As câmeras abertas e as interações espontâneas das crianças durante as aulas demonstraram isso.

Assim como as trocas entre educadores e educandos, como a experiência supracitada, se constituem como um dos principais elementos formativos da identidade docente, as trocas feitas entre os e as residentes se tornaram também uma atividade significativa para esse processo. Foi o que os encontros intitulados Regências de saberes construídos coletivamente demonstraram. Esses encontros consistiram em trocas realizadas entre os residentes, preceptoras e coordenações de área do subprojeto de Pedagogia do Campus dos Malês, Bahia, e do Campus de Redenção, no Ceará.

Ocorreram 7 encontros realizados durante o mês de janeiro e fevereiro do ano vigente, sempre às sextas-

feiras, das 15 às 17h. A cada semana uma dupla (ou trio) de regência apresentava uma das aulas planejadas e ministradas durante o período em que estiveram na escola campo bem como as devolutivas das crianças e os desafios enfrentados durante as regências.

Com esses encontros foi possível aprender com a experiência do outro e pensar em novas possibilidades. Algumas estratégias apresentadas pelos residentes são aplicáveis a mais de uma situação, como, por exemplo, uma das duplas ao relatar como conseguiu realizar a aproximação com os educandos, demonstrou na prática a potencialidade da música como uma ferramenta pedagógica. Através da música, além da aproximação com a turma, segundo o relato feito pelas residentes, foi possível organizar as aulas a partir de acordos realizados entre elas e os educandos, o que possibilitou uma melhor aprendizagem da turma.

As atividades desenvolvidas no programa, de forma individual ou coletiva, possibilitaram a aproximação com situações reais do cotidiano docente, em um momento em que as escolas de São Francisco do Conde experienciavam o ensino remoto devido à pandemia do COVID-19. Esse cenário desafiou os professores regentes e, sobretudo, os residentes iniciantes em suas práticas docentes, a buscarem desenvolver práticas de alfabetização e letramento que minimizasse os danos que o cenário de pandemia provocou na educação brasileira como um todo.

CONCLUSÕES

A escola é um dos principais ambientes em que crianças vivenciam experiências sociais, constroem, através das interações, sua noção de pertencimento, em que o professor tem um papel fundamental como mediador. Diante do exposto, de modo geral, as vivências proporcionadas pelo Programa Residência Pedagógica demonstraram a importância de práticas pedagógicas mais próximas da realidade dos educandos, sobretudo em tempos de ensino remoto.

A oportunidade de uma aproximação com o campo de atuação, em um contexto de Afroletramento contribuiu de forma significativa para a construção da minha identidade docente. A proposta do subprojeto, que se relaciona com a descolonização do ensino da língua portuguesa, demonstrou que descolonizar o ensino da língua portuguesa, é tornar a aprendizagem dela menos dolorosa para os educandos, através de nossas práticas de ensino que devem ser “suleadas” pelo contexto social dos nossos educandos; sendo construídas e reconstruídas a partir da interação entre as diversas gerações, considerando toda pluralidade de vozes e territórios que nossos educandos trazem.

AGRADECIMENTOS

CAPES/UNILAB

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

NASCIMENTO, Elisabete. **Afroletramento Docente**. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. ED.VOZES. 2001

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop.** 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de Reexistência - Poesia, Grafite, Música, Dança - Hip-Hop.** São Paulo: parábola editorial, 2011.